

PREFÁCIO

Os super-ricos e as grandes riquezas mundiais estão na ordem do dia, ou melhor, na ordem do dia global. O mediatismo alcançado por figuras como Elon Musk e a sua ambição desmedida de definir politicamente os destinos dos Estados Unidos da América e de, pela via da tecnologia, controlar os destinos da política planetária são razões relevantes para refletirmos sobre o modo como o uso desmesurado do poder económico pode ser tentado a condicionar a razão política.

A demanda de riqueza é uma das motivações mais poderosas que ajudam a compreender as grandes e as pequenas derivas da história humana. A riqueza — a sua criação, a sua acumulação e o seu controlo — é um dos temas mais transversais quando se tenta compreender as complexas relações entre indivíduos, comunidades e civilizações, articulada com as questões do poder e do seu exercício.

Sabemos que todas as dimensões da atividade humana podem ganhar uma perspetiva mais ampla se analisadas através de uma chave hermenêutica global. Atualmente, vivemos em sociedades expostas a uma globalização acelerada. No entanto, a globalização não é um fenómeno de hoje, nem de há poucas décadas. Remonta, na sua origem, aos tempos primordiais da dispersão das comunidades humanas pelos vários continentes, como aprofunda Edgar Morin no seu livro *Pensar Global*. Dois movimentos, que mutuamente se implicam, estão na base daquilo a que hoje chamamos globalização: mobilidades e trocas. O que diferencia a globalização hodierna da de outros séculos é simplesmente o grau de aceleração e de extensão planetária.

Se há fenómeno que pode ganhar maior clareza ao ser analisado à luz dos ritmos da globalização é precisamente o processo de construção e acumulação de riqueza. Hodiernamente, observamos — perante a

aceleração da globalização e das alterações das regras e dos meios das redes de comércio mundial, assim como dos processos de produção de riqueza — uma alteração substancial dos modos de acumulação de riqueza e da composição das elites mundiais. Globalização passou a rimar, cada vez mais, com acumulação de riqueza nas mãos de um grupo restrito, que detém o controlo de boa parte dos bens do planeta Terra.

Este livro de Fabrice d'Almeida é uma obra pioneira e corajosa, que escarpaliza — adotando a perspetiva interpretativa da história global — os processos de produção e concentração de riqueza em personalidades emblemáticas da história do enriquecimento humano. Mais do que os processos de criação, acumulação e concentração de riqueza, este arguto historiador francês traça perfis de figuras-tipo de ricos e realiza uma análise fina das suas práticas sociais, públicas e privadas, do uso e das manifestações desse poder económico de maneira diferenciada, para além de identificar os denominadores comuns.

Merece especial destaque, nesta edição portuguesa, um capítulo adicional, que não consta no original francês, dedicado à complexa personalidade de Calouste Gulbenkian, cuja enorme riqueza acabou por ser colocada ao serviço da promoção da cultura, da arte e da ciência. Este capítulo, preparado por Fabrice d'Almeida para a presente versão do seu livro, agora publicado na língua de Camões, mostra como este empresário arménio acabou por escolher Portugal como o país de eleição, entre outras possibilidades, para colocar a sua riqueza — acumulada, durante uma vida, com o negócio do petróleo — ao serviço da sociedade portuguesa e internacional, através de uma fundação que pontifica hoje entre as mais prestigiadas do mundo. É um caso, entre outros referidos, em que um homem rico, com sentido filantrópico mas também estratégico, acabou por ver a sua riqueza colocada ao serviço do bem comum e do melhoramento da sociedade.

Este livro de Fabrice d'Almeida constitui um estudo notavelmente bem fundamentado, bem pensado e bem escrito, fazendo uma história global da riqueza e do seu controlo a partir dos líderes da sua criação e acumulação. É um exercício de história global bem conseguido, realizado em perspetiva interdisciplinar, dentro e nas fronteiras das subáreas das

ciências históricas. Não é estritamente um livro de história económica e financeira, mas apresenta análises argutas no campo da história da vida privada e das práticas do quotidiano, abrangendo a história política, cultural e das mentalidades, assim como a psicologia do poder e a sociologia das organizações económicas.

A atualidade desta obra é retumbante, não só pelo facto de estarmos a assistir a um fenómeno crescente de concentração da riqueza mundial em poucas mãos, mas também pelas ínvias e complexas relações entre economia e política, que estão a influenciar visivelmente os equilíbrios geoestratégicos a nível planetário. Esta é uma história que dá para pensar, para se indignar, mas também, na sua dimensão crítica e de denúncia, para crer numa humanidade mais justa e fraterna.

Saudamos vivamente mais este livro de Fabrice d'Almeida, que, em boa hora, se disponibiliza aos leitores de língua portuguesa. O autor tem sido um intelectual francês inovador, fomentando o desenvolvimento de novos campos de pesquisa e perspectivas originais de interpretação no campo da historiografia, em diálogo interdisciplinar com as outras áreas das ciências humanas e sociais. Importa aqui relevar os seus trabalhos sobre a história da propaganda na relação com a história política, sobre a história virtual que ensaia diálogos ousados entre literatura e história, e, mais recentemente, sobre a história global do mal.

Os seus livros e a sua participação regular na rádio e na televisão francesa, em programas especializados e como comentador, têm contribuído para renovar o interesse pela história enquanto saber com uma função social e política ao serviço da compreensão da atualidade e da perspetivação do futuro das derivas sociais, políticas e culturais do tempo presente.

José Eduardo Franco
Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta

O PROBLEMA DOS «RICOS»

A equação é simples. Metade da população mundial — ou seja, 3,85 mil milhões de pessoas — sofre com o seu baixo poder de compra e interroga-se sobre os seus finais de mês, ao passo que uma pequena elite, de 10 000 mulheres e homens, exhibe um nível de vida excepcional. Nos *media*, esses gigantes estão em toda a parte. Vemo-los a deslocar-se em jatos privados, a conduzir carros de luxo, Rolls Royce ou Ferrari, e a participar em magníficas festas em Saint-Tropez, Phuket ou Miami. E, em seu redor, celebridades, belezas icónicas, mulheres ligadas à política, Beyoncé, Melania Trump, Amal Clooney, Delphine Arnault, Rachida Dati... Todas a usar sapatos Louboutin, com as características solas vermelhas. Como aqueles aristocratas que na corte de Luís XIV se reconheciam pelos saltos dessa cor, muito em voga depois de uma feliz desventura do irmão do rei. A história gosta de provocar as suas elites. O senhor, quando foi assistir ao acordar do seu irmão, o Rei Sol, usava sapatos de cetim cujos saltos estavam manchados de uma noite a vagar pelos açougues. Impregnados de sangue de boi, tinham-se tingido de vermelho: os cortesãos do reino acreditaram que se tratava de uma nova moda. Nesse mesmo dia, todos pintaram os seus saltos como sinónimo de nobre pertença. Três séculos mais tarde, as solas vermelhas regressaram, sinais exteriores de uma alta-costura francesa exibindo um luxo popularizado. Este fascínio, até mesmo admiração, pelos detentores de grandes riquezas desperta um crescente ódio e aversão.

Ao longo do ano, as ONG, os delatores, denunciam essas desigualdades gritantes. 1% dos mais ricos do planeta detêm o dobro da riqueza de 92% da população mundial, critica a Oxfam, em 2020.¹

¹ <https://www.oxfam.org/fr/cinq-faits-choquants-sur-les-inegalites-extremes-aidez-nous-redistribuer-les-cartes>.

O Observatório das Desigualdades afirma ao mesmo tempo que 1% dos mais ricos da população possuem cerca de metade da riqueza mundial.² O Crédit Suisse, num estudo de 2019, avalia que a Terra contabiliza milionários com 47 milhões de dólares e que estes, juntos, detêm 44% do património mundial privado.

Há muito tempo que a crítica à monopolização — e aos privilégios — pesa sobre os ricos. Criou mitos. Como se os bilionários sonhassem em consumir tudo, possuir tudo, dominar tudo! Como se o caviar e os diamantes fossem as suas únicas paixões. E estivessem prontos a matar para fazer fortuna. Balzac não escrevia já no século XIX que «por trás de cada grande fortuna se esconde um crime»?

À esquerda, essa crença alimentou a ideia de que existe uma luta de classes entre a burguesia, que detém o capital, e os trabalhadores, que nada possuem. Karl Marx, o teórico do comunismo, assim o escreveu no século XIX. Ainda hoje esta doutrina continua a ter os seus apoiantes. Encontra na atualidade matéria para se alimentar. Durante a crise da COVID, os ricos não pararam de viajar nos seus aviões privados, atravessando sem dificuldade as fronteiras sanitárias. Ficaram ainda mais ricos, graças às ajudas estatais e ao jogo das cotações da bolsa.

As grandes fortunas atingem agora recordes. São raros os seus antecessores que conseguiram acumular tanto dinheiro tão rapidamente. É claro que, no seu auge, um Rockefeller tinha mais do dobro do património de um Jeff Bezos, até mesmo de um Elon Musk, com 400 mil milhões de dólares. E receitas estimadas num milhar de milhão por ano. Porém, ele era o único da sua espécie, ou quase, enquanto hoje os bilionários se contam aos milhares. O problema dos «ricos» torna-se ainda mais agudo à medida que os fantasmas giram em torno das suas caricaturas, em amálgama, em conspiração. Agimos como se todos os ricos se comportassem da mesma maneira, entre o egoísmo e a ambição desmesurada.

No entanto, cada detentor de uma grande fortuna esconde uma aventura pessoal. Excetuando o dinheiro, nenhum deles é igual aos demais. O que têm em comum um industrial indiano como Ratan Tata, à frente de um império de 70 mil milhões de dólares em 2010, e uma

² https://www.inegalites.fr/La-repartition-du-patrimoine-dans-le-monde?id_theme=26.

Oprah Winfrey, estrela da televisão americana, cuja riqueza estava avaliada em 2,6 mil milhões em 2008? Um padrão de vida? O impacto social? As suas ambições e os seus sonhos são únicos para eles. Os construtores mudaram realmente o mundo. Para o melhor e para o pior. Criaram objetos que usamos sem sequer nos darmos conta disso, como as canetas do Barão Bich (e as suas navalhas). O nosso quotidiano, os nossos tempos de lazer, a nossa imaginação, devem muito aos padrões de Hollywood, de Bollywood ou do Cairo.

É preciso entrar no detalhe das suas existências para avaliar o seu papel nas crises e nos sucessos que atravessámos e que vamos enfrentar.

Cada grande fortuna ocupa um lugar diferente na História. Alguns estão cientes dos desafios de interesse geral do seu tempo — outros não. Perante o comunismo, empresários como Henry Ford adotaram posições radicais. Porém, na mesma época, outro empresário, Armand Hammer, estabeleceu sem hesitar relações com o governo bolchevique para fazer fortuna. Como é que eles justificaram as suas escolhas? E os empresários alemães face ao nazismo? E hoje, perante a crise climática ou a pobreza, quais são as suas posições?

Outros líderes não se importam com a vida pública. Estão apenas obcecados em alcançar as suas ambições pessoais e financeiras. Tal como a falecida Liliane Bettencourt, mantêm-se afastados da política, mas financiam à cautela todos os partidos, por precaução...

Muitos perfis e comportamentos diferentes atravessam o mundo destas grandes fortunas. Um deles, um riquíssimo empreiteiro, dizia-me querer «uma vida normal, simples: trabalho e férias com os [seus] amigos». Apreciava a discrição. No entanto, as mulheres jovens querem a todo o custo expor os seus milhões, como é o caso de Kylie Jenner, que tinha como único objetivo aparecer, como Kim Kardashian, nos principais *rankings* internacionais, matéria em que a revista *Forbes* se especializou.

Este livro é a primeira análise da realidade dos ricos. Trata-se de saber qual é o seu verdadeiro lugar na nossa história, até que ponto influenciaram a nossa evolução. Terão sido afetados pelas transformações da nossa sociedade? Qual é o seu verdadeiro modo de vida? Quais

são as suas contribuições? Que erros é que foram cometidos? Como é que negociam os seus fracassos? Como é que se organiza este clube muito seletos das maiores fortunas mundiais?

Para conseguir cartografar esta história global dos ricos, tomei como ponto de partida os indivíduos. Como é que esta elite financeira reagiu aos grandes acontecimentos? Não se trata de julgar, de pregar moralidade barata, mas de compreender, tentando posicionar-se na situação. Assim, esta análise explorativa procura descrever, em detalhe, o contexto, para que se possa projetar na história.

Os ricos são aqueles que têm a capacidade de influenciar o mundo. Para os definirmos, devemos esquecer os igualitários, que cristalizam a sua atenção para as receitas e que se questionam se alcançar duas ou três vezes o salário médio faz de alguém rico. É necessário abstrairmos-nos de declarações eleitoralistas como as de François Hollande, que afirmava que alguém é rico quando auferir um rendimento superior a 4000 euros por mês. Esta história é a dos verdadeiramente ricos, aquelas 2500 pessoas que possuem um jato privado e as 7500 que alugaram um no ano passado. Esses proprietários de património imenso que outrora viajavam no seu comboio privado e que, ontem como hoje, possuem um iate para seu prazer. Estas são as mulheres e os homens de quem procurei reconstituir o percurso, a vida, para esclarecer a sua verdadeira influência desde que o mundo industrial tudo mudou.

Antes de meados do século XIX, os ricos eram os grandes aristocratas, os príncipes e as rainhas. Quem poderia ser mais rico do que um rei? Apenas alguns banqueiros, às vezes. Todavia, tinham de entrar rapidamente na linha, sob pena de verem os seus bens confiscados por aqueles, como aconteceu com o francês Jacques Coeur no século XV. A menos que fossem vítimas da bancarrota dos seus soberanos, como foi o caso dos Fuggers, no século XVI, na Alemanha. De certa forma, a França de Luís XIV inventou o estilo de vida dos primeiros ricos, a sua busca pelo luxo e a paixão por impor o seu gosto ao resto da população. Não é, por isso, de admirar que no século XIX esse modelo tenha sobrevivido.

Com a revolução industrial e o livre comércio que se instalou depois de 1860, a globalização gerou novas oportunidades, novas fortunas.

Pela primeira vez, a terra já não era a principal fonte de rendimento. Os patrimónios diversificaram-se. As viagens eram facilitadas pelo vapor e podia-se possuir propriedades no estrangeiro ou nas colónias. Os ricos passaram a estar acima de tudo. Esta história pode ser recuperada através dos arquivos e também da imprensa, que já expõe pequenos factos sobre certas famílias. Viria depois o confronto no grande drama do século xx: a Primeira e a Segunda Guerra Mundial e os totalitarismos. Toda a hipocrisia desses sistemas transparecia na gestão do luxo e privilégios. O comunismo, em setenta anos de existência, falhava em modificar a natureza cumulativa do ser humano.

O desenvolvimento do primeiro *jet set* abriu uma nova era, em que se colocavam as questões do estilo de vida. Impunham-se sedutores como Porfirio Rubirosa, ou Aristóteles Onassis. Foi também o tempo em que os desvios de algumas personalidades criavam a fantasia de uma perversão da riqueza. Como se o dinheiro tivesse um poder de corrupção mais moral do que financeiro. Por fim, uma última etapa fascina. Desde os anos de 1980 que as grandes fortunas se tornaram as verdadeiras estrelas, solicitadas pelos *media*, gerindo a sua comunicação e a sua intimidade. Mergulhando no Panamá e nos Pandora Papers, bem como em inúmeros arquivos da WikiLeaks, salta à vista a evasão fiscal. Será graças a ela que o número de multimilionários não para de crescer? A resposta está na explosão demográfica e no financiamento. Atualmente, os bilionários são rápidos a apregoar o seu compromisso ecológico e social, mas, mais do que nunca, consomem produtos de luxo e abusam dos transportes poluentes. O livro expõe este frenesim universal, demonstrando que nem todos os ricos participam da mesma maneira.

Cabe ao leitor formar uma opinião. Cabe-lhe saber se quer aplicar aos ricos a moralidade do passado. Ou se prefere avaliá-los em função dos critérios universais atuais.

Este livro pretende, portanto, ser uma reflexão sobre o que são realmente os ricos. Perante o desafio do populismo, o tratamento que lhes é reservado pelo seu poder é crucial. Muitas vezes eram as políticas com vista aos pobres que orientavam o debate público. No entanto, há algumas décadas que todos partilham a definição de «linha de pobreza».

E a necessidade de transferências sociais para os ajudar. Por outro lado, não existe consenso sobre as grandes fortunas. Todavia, a gestão destes imensos patrimónios e dos seus titulares tem efeitos positivos ou negativos na economia. Os ricos não podem ser tratados como um grupo sem risco. Tornaram-se atores sistémicos da economia. É necessário, pois, pensar profundamente as estratégias de fiscalização ou de investimento público. Os governos devem analisar, à escala individual, as melhores opções de acordo com os setores de atuação e a sua importância para a comunidade. De outra forma, só farão exacerbar as tensões entre o povo e as diversas elites. Espero que esta obra contribua para abrir este debate e o das desigualdades.

No momento de completar estas linhas, ocorre-me um pensamento final. Na década de 1960, o artista Roland Topor dizia que, no futuro, os verdadeiros ricos não seriam aqueles que vivessem dos seus rendimentos, como os pensionistas de outrora, mas os que fariam com que os rendimentos dos seus rendimentos dessem frutos. A história provou que estava certo.

PRIMEIRA PARTE

**OS PRIMEIROS
MESTRES DO MUNDO**

Ser rico sempre foi apanágio da nobreza. Entre 1860 e 1918, as grandes fortunas diversificavam-se. Ainda assim, procuravam moldar o seu comportamento e o seu modo de vida de acordo com o velho mundo. O sonho de um património imobiliário e de uma vida ociosa personificada pelo lorde Seymour, uma das maiores fortunas do seu tempo, está lentamente a desaparecer. Por um acaso da História, ele morreu antes da assinatura do primeiro grande tratado de livre comércio que abriu caminho à globalização. Porém, as sociabilidades aristocráticas, os grandes bailes, bem como as questões de honra, imprimiam a sua marca na alta sociedade global emergente.

Desde o começo que os grandes deste mundo uniram a ideia de fortuna a uma capacidade de viajar e de encontrar lugares ideais para passar temporadas. Já no final do século XIX, alguns lugares atraíam os mais afortunados. Alguns conservam atualmente a sua atratividade, outros estão esquecidos. Contudo, todos assinalam a incrível mobilidade que a riqueza oferece. E uma forma de busca de prazer para os que têm meios. O velho e o novo mundo das grandes fortunas têm isso em comum.

Na verdade, foi a revolução industrial que perturbou a ordem dos afortunados. Os industriais tornaram-se as grandes potências, que, no mundo inteiro, ditavam a sua vontade, tanto para a massa dos seus

trabalhadores como para os estados. O seu dinheiro era inegavelmente uma fonte de poder. Os governos tiveram duas reações face a este desafio: tentaram organizar esta força bruta, elaborando novas regras, ou estabelecer uma forma de aliança com este novo tipo de aristocracia. Os casamentos não eram raros entre a velha e a nova elite. O mundo da banca conheceu uma evolução similar. Estes novos heróis do capitalismo fizeram história, porque modificaram o funcionamento das sociedades, a sua organização e o seu modo de vida. O seu poder explica os contornos da primeira globalização, do qual um grupo como o HSBC foi o pioneiro, assente em bases nas quais a moral não era a principal preocupação. Os ricos conheciam os códigos de conduta, mas agora definiam a sua própria ética.

A Primeira Guerra Mundial marcou o fim de uma era. Uma grande parte dos pequenos ricos que povoaram o século XIX viu o seu património entrar em colapso. Eles viviam dos seus investimentos arrendados ao Estado. Contudo, a inflação e os incumprimentos de várias grandes potências, como a Rússia ou o Império Otomano, colocaram-nos numa situação crítica. Por outro lado, grandes fornecedores das indústrias de guerra atingiam o topo da sociedade. Basil Zaharoff era um deles. E estava longe de ser o único. A guerra assinalou, portanto, o sacrifício da velha elite no altar da pátria, à medida que iam surgindo novos mestres do mundo. Antes do primeiro conflito mundial, as diferenças entre fortunas eram tais, que se consideraram medidas para corrigir as desigualdades. Porém, só a guerra criou as condições que permitiram aceitar o imposto sobre o rendimento nas grandes democracias. Assim, por ocasião do compromisso comum pela defesa dos países, foi estabelecido um novo pacto social. Nele reside a originalidade deste conflito, onde, pela última vez, as elites morreriam, por vezes, mais do que as massas.

Uma palavra ainda sobre uma dimensão-chave desta época: o relacionamento entre senhores e criados. De facto, a criadagem acompanhou o crescimento do número de grandes fortunas, e, com a era industrial, tornou-se difícil encontrar pessoal doméstico. As funções já não passavam de pais para filhos, tal como permitiam as duas lógicas antigas de escravatura e de ofício especializado, ou seja, uma função

bem definida na estrutura de uma casa. No fim do século XIX, a escravatura parecia condenada a desaparecer. Como se a possibilidade das viagens tivesse quebrado o apego das sociedades antigas à terra. No Brasil, esta situação mudaria os modos de produção. No mundo ocidental, os anos de 1860-1930 assinalaram esta mudança do pessoal doméstico. Foi esta a razão pela qual se produziram tantas obras de ficção e alterações ao quadro jurídico. Era perceptível uma forma de desconforto e os ricos não paravam de se queixar dos seus criados. Apenas alguns modelos do género escapavam à sua recriminação, o que testemunha uma nova relação de autoridade que se estabelece. Agora os criados já não se curvavam perante um agradecimento. Um limite que os ricos aceitavam, dado que dispunham de outros meios excepcionais para fazer história.

1860

O TRATADO QUE MUDOU OS RICOS

Sábado, 16 de janeiro de 1860, na rua Taitbout em Paris, a multidão aglomerou-se em frente às portas do Hotel de Brancas-Lauragais. Os privilegiados tiveram a honra de receber um dos poucos convites que foram feitos, e não quiseram perder esta exposição única: a da venda dos bens do lorde Henry Seymour. Ainda na flor da idade, este *dandy* desportivo, conhecido em toda a Europa, faleceu no mês anterior, em agosto. A venda dos seus cavalos de corrida bateu recordes; agora era o seu mobiliário que estava à venda. O acontecimento tinha, portanto, um impacto especial no mundo, porque o cavalheiro franco-britânico foi o primeiro presidente e um dos fundadores de uma das instituições mais exclusivas da capital: o Jockey Club.

Nos vários pisos, dezenas de quadros, móveis e objetos de arte aguardavam pelos compradores. Na noite anterior, em segredo, algumas eminências, incluindo o príncipe Napoleão Jérôme, puderam visitar à luz de velas esta caverna de Ali Baba do século XIX. Lorde Seymour era rico, muito rico. Dizia-se que não tinha menos de 900 000 libras de rendimento por ano.

Por volta das 15h00, enquanto toda a Paris se passeava pelos salões, correu o rumor de que o imperador Napoleão III acabara de chegar. De barba e cabelo bem penteado, o soberano desceu sozinho da sua carruagem e precipitou-se para o edifício, sem mais delongas. Os visitantes já se aglomeravam em torno dele, mas um dos especialistas da venda conseguiu abrir caminho, para servir de guia. Mesmo não sendo a maior fortuna de França, a riqueza de Sua Majestade permitia-lhe algumas excentricidades. Em passo lento, os dois homens percorreram as salas. Pararam diante das obras-primas: dois estudos de cavalos do pintor Géricault e, mais à frente, as pinturas de um artista então muito

na moda, Bonington, também ele franco-britânico. A visita prosseguiu na sala de armas. Aí, Napoleão III decidiu-se. Adquiriu toda a coleção. É importante que se diga que lorde Seymour foi um dos melhores esgrimistas do seu tempo e tinha aberto no seu apartamento, na rua Taitbout, uma verdadeira sala de armas. Para aí convidava todos os mestres que estavam de passagem por Paris, exigindo enfrentá-los. Mesmo assim, este grande senhor escapou à loucura dos duelos no seu tempo, protegido, sem dúvida, pela sua reputação. Diz-se que nunca combateu...

O lorde Seymour entrou na história dos ricos ao representar uma concepção da grandeza em declínio. A sua fortuna residia, acima de tudo, na terra. Assentava na herança da sua mãe, a condessa de Hertford, de quem era filho ilegítimo, já que o seu pai não era o conde, mas sim o marquês de Montrond, um diplomata francês muito popular durante os reinados de Louis XVIII e Charles X. As terras e os animais que possuía em ambos os lados do canal da Mancha garantiam ao lorde Seymour uma vida ociosa e opulenta. Entregava-se às suas paixões, a esgrima, os cavalos e, em particular, as corridas de cavalos.

Foi assim que, com alguns amigos, numa noite de 1834, teve a ideia de criar um clube para melhorar a raça francesa de cavalos: o Jockey Club de Paris.³ Projetado como a sua homóloga britânica, a associação devia juntar os criadores. Porém, rapidamente, passaram a reunir-se ali personalidades da alta nobreza.⁴ Sob a sua presidência, o Jockey instalou-se na rua Drouot. Ali se jantava, ali se festejava, ali se faziam apostas escrupulosamente inscritas num grande livro. No entanto, esses foliões investiram em arte equestre e criaram pistas de corrida, em particular a de Auteuil, e prémios para melhorar a raça do cavalo. O lorde Seymour seguiu nessa direção, na tentativa de evitar que o clube, onde apenas eram admitidos homens, se transformasse em entretenimento. Para ele, o cavalo era algo sério. E, de facto, na sua coleção, as pinturas e os bronzes de cavalos (e de cães) eram tão numerosos, que os verdadeiros amantes de arte se sentiam ofendidos.

A arte era quase sagrada para a grande nobreza. Todas as artes. No Jockey, os colecionadores eram numerosos e gostavam de ir à ópera,

³ Dominique de Lastours, *Histoire du 2, Rue Rabelais. Le Jockey Club*, Cirey-lès-Mareilles, Edições Lampsaque, 2017.

⁴ *Le Figaro*, 29 de abril de 2010.

o que passou a acontecer ainda com mais frequência depois da mudança do clube para um magnífico edifício no número 1 da rua Scribe, em 1863. Ao virar da esquina para o edifício da ópera. Os membros do clube alugavam aí alojamentos ao ano e aproveitavam para ir frequentemente aos bastidores para se relacionar com as bailarinas, convidando-as para jantar numa das pequenas salas do Jockey.⁵ Quando se era rico, podia-se ter estas dançarinas! Este clube, em 1860, era ainda confidencial.

Ao sair da exposição, o imperador exibía uma expressão de satisfação. Ele media o quanto o seu regime político e os seus homens tiveram precedência sobre a velha aristocracia real. No Jockey Club, os bonapartistas estavam em grande número. O seu meio-irmão, o duque de Morny, era um deles, assim como Achille Fould, o seu ministro das Finanças.⁶ As finanças, a banca, em tudo isto pensava o imperador nesta tarde crepuscular. Sabia que, ao mesmo tempo, terminava uma longa negociação, crucial para o futuro do país, para o seu poder industrial. Pensava, como o seu conselheiro Michel Chevalier, que a França devia mudar e tornar-se uma grande nação produtora de bens manufaturados, graças a vastas fábricas, com base no modelo britânico. Napoleão III sentia a importância dessas inovações para o mundo que aí vinha.

As conversações com o representante do comércio britânico, Richard Cobden, decorreram no maior sigilo.⁷ Chevalier conduziu o lado francês. Este homem de 54 anos, na força da idade, tornou-se uma figura da vida nacional, mas encarnava exatamente o oposto dos aristocratas do Jockey Club. De formação técnica, não devia muito às suas origens. O seu clube era a Sociedade de Economia Política. Uma associação fundada em 1842 que sobrevivera a três regimes abrigando-se atrás de altas personalidades que perseguiram um objetivo: o estabelecimento de liberdades económicas em todo o mundo. E Chevalier tornou-se um perito em bancos, pois era aí que residia a fonte dos investimentos na indústria.

O professor francês conhecia Cobden há muito tempo. Tinha acompanhado a luta do industrial britânico contra as taxas sobre os cereais.⁸

⁵ Georges Servières, *Tannhäuser à l'Opéra en 1861*, Paris, Livraria Fischbacher, 1895.

⁶ Charles Yriarte, *Les Cercles de Paris, 1828-1864*, Paris, Dupray de la Mahérie, 1864.

⁷ Philippe Chassaingne, «La Grande-Bretagne et l'Europe de 1815 à 1914», in Philippe Chassaingne (dir.), *La Grande-Bretagne et le Monde. De 1815 à nos jours*, Paris, Armand Colin, 2009.

⁸ Antony Howe, *The Letters of Richard Cobden*, t. II, 1848-1853, Oxford, Oxford University Press, 2010.

A liga fundada nesta ocasião, a Anti-Corn Law League, tornou-se um farol para todos os liberais na Europa. Contra todas as expectativas, no final de um longo percurso, conseguiu a abolição destas leis que impediam o livre comércio, em maio de 1846.⁹ Para comemorar este sucesso, Cobden foi convidado pela Sociedade de Economia Política para discursar em Paris em agosto desse mesmo ano. Com a sua bela aparência e os seus longos cabelos, embranquecidos pelo trabalho, o orador seduziu o público e elogiou os méritos do liberalismo. Chevalier estava lá, claro, vestido com uma sobrecasaca escura, e com a cabeça quase calva. Bebia as palavras de Cobden e, com base nelas, efetuou um programa para França.

Dez anos depois, o professor do Collège de France retomou o seu papel de peregrino para ir ver o imperador Napoleão III. Este último escutou-o e aceitou encontrar-se com ele. As negociações começaram e prolongaram-se até ao mês de janeiro de 1860.

No seu *coupé*, ao regressar ao Castelo das Tulherias, ouvindo os passos dos cavalos no pavimento recentemente retrabalhado, Napoleão III pensava que, em poucos dias, a viragem para a política liberal se tornaria oficial. É certo que a concorrência dos produtos ingleses corria o risco de enfraquecer algumas empresas francesas menos eficientes, mas isso obrigaria o país a modernizar-se para fortalecer o seu poder no continente.¹⁰ E os empresários teriam de contrair empréstimos aos bancos e criar empresas maiores. Um novo modo de produzir veria a luz do dia. Os banqueiros supervisionariam uma multiplicidade de empresários. Já nessa altura, os financiadores contavam-se entre os mais ricos. James de Rothschild é um exemplo disso. Prosperou graças à política exterior francesa, com empréstimos a Itália e a Espanha apoiados por Paris. O tratado seria uma boa notícia para este membro do Jockey Club, cujo título nobiliárquico vinha da Áustria. Porém, acima de tudo, para além dos interesses pessoais, estes foram os apoiantes do Império que criaram os grandes bancos de depósito: o Crédito Industrial e Comercial, em 1859, o Crédit Lyonnais e a Société Générale, em 1863 e em

⁹ Henry Ashworth, *Henry: Recollections of Richard Cobden and the Anti-Corn Law League*, Londres, Cassell, Peter & Galpin, 1876.

¹⁰ Gabrielle Cadier, «Les conséquences du traité de 1860 sur les échanges franco-britanniques», em François Crouzet (dir), *Le Négoce International, XIII-XX^e Siècle*, Paris, Economica, 1989.

1864. Casas que, como a do Irmãos Pereire, beneficiariam da grande mudança liberal imperial.¹¹

Uma semana após a exibição dos bens do lorde Seymour, nascia um novo mundo. Em 23 de janeiro de 1860, foi assinado o tratado do livre comércio franco-britânico. Isso perturbou toda a economia mundial, porque as duas grandes potências que eram o Reino Unido e a França possuíam colônias e zonas de influência à escala global. Iriam impor a todos tarifas alfandegárias mais baixas e facilitar a circulação de mercadorias e pessoas de Nova Deli a Nova York via Marselha, Cidade do Cabo, Berlim ou Moscovo.

Para os membros do Jockey Club, aparentemente, nada mudou. O seu estilo de vida elitista permanecia um modelo invejado por todas as grandes fortunas em ascensão. No entanto, uma coisa estava a mudar de forma lenta: o seu lugar na riqueza das nações começava, irremediavelmente, a recuar, como viriam a compreender os aristocratas e os latifundiários, demasiado tarde.

Enquanto isso, desfrutavam dos prazeres terrenos e da vida parisiense, com as suas mulheres, cada uma mais desejável do que a outra. À entrada do Jockey Club, os homens cumprimentavam a florista cuja barraca ficava à direita e esta perguntava-lhes se não queriam levar flores às amantes, para que o perfume delicado das rosas e dos cravos lhes encantasse os corações.

¹¹ Jean-Philippe Feldman, «Du protectionnisme français au XIX^e siècle (1814-1914)», *Droits*, 64, 2016/2, pp. 49-71.